

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
13 e 21 de Maio de 3033  
JORGE SILVA MELO – CARTA BRANCA SEM RECEITA

## LA BAIE DES ANGES / 1962 A Grande Pecadora

*Um filme de Jacques Demy*

*Argumento:* Jacques Demy / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1:66): Jean Rabier / *Cenários e guarda-roupa:* Bernard Evein; os vestidos de Jeanne Moreau são de Pierre Cardin / *Música:* Michel Legrand / *Montagem:* Anne-Marie Cotret / *Som:* André Hervé / *Interpretação:* Jeanne Moreau (*Jackie Demaistre*), Claude Mann (*Jean Fournier*), Paul Guers (*Caron*), Henri Nassiet (*o pai de Jean*), André Certes (*o diretor do banco*), Nicole Cholet (*Marthe, a mulher a dias*), Conchita Parodi (*a gerente do hotel*), Georges Alban, Jacques Moreau, André Canter, Jean-Pierre Lorrain.

*Produção:* Sud-Pacifique Films / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 83 minutos / *Estreia mundial:* 1 de Março de 1963 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Império), 8 de Janeiro de 1964 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 7 de Dezembro de 1983, no âmbito do ciclo “Jacques Demy”.

\*\*\*\*\*

**La Baie des Anges**, cujo título comercial português é particularmente estúpido, fecha o que poderíamos chamar o primeiro período, sem música, do cinema de Demy, a seguir a **Lola** e à curta-metragem **La Luxure**. Apenas cinco meses depois da estreia comercial de **La Baie des Anges**, Demy começaria a rodagem de **Les Parapluies de Cherbourg**, que é cantado do começo ao fim. Com **Model Shop**, outro filme sem canções, **La Baie des Anges** é o menos musical dos grandes filmes de Demy. **Lola** é um filme que parece sempre prestes a explodir em canções e carrega no seu bojo os temas do príncipe encantado e do desenlace feliz, que estão no cerne das mitologias do filme musical. Este não é em absoluto o caso de **La Baie des Anges**, que mantém-se sempre num tom que não admite a fantasia, ou melhor, cujos personagens articulam um outro tipo de fantasia.

Mesmo quando têm desenlaces trágicos ou agridoces, os filmes de Demy costumam abrir-se para mundos exteriores, mundos ideais nos quais os personagens acabarão por entrar de alguma forma, quando o milagre do “grande amor” esperado ou sonhado acontecer. Mesmo em **Model Shop**, com o seu desenlace totalmente infeliz, o protagonista consegue estar durante alguns instantes com a mulher que viu passar na rua e que lhe devolveu todas as esperanças. Em **La Baie des Anges** a fantasia dos personagens é totalmente interiorizada, trata-se da paixão auto-destrutiva pelo jogo, da esperança sempre defraudada de jogadores, que como todos os jogadores, na verdade, querem perder. Quando ganham esbanjam, não resistem e voltam a jogar e a perder tudo. No cinema de Demy, tão cheio de amores ideais, perdidos, vividos ou reencontrados, **La Baie des Anges** e **Model Shop** são exceções. Como observou o realizador: “*Eles compartilham o mesmo quarto, não porque são levados pelo desejo físico ou por uma atração moral, mas simplesmente porque compartilham o mesmo vício. Foi o mecanismo dessa paixão que eu quis descrever*”.

**Lola**, **Les Parapluies de Cherbourg**, **Les Demoiselles de Rochefort**, **Une Chambre en Ville**, são filmes situados em tristes cidades do litoral atlântico francês, cinzentas, sem graça, tacanhas e provincianas, que o cinema de Demy transforma em lugares quase mágicos. Em **La Baie des Anges**, dá-se o inverso. O filme também é situado à beira-mar, em Nice, que como aquelas cidades atlânticas é um porto (mas de iates e

transatlânticos, não de cargueiros), diante de uma baía de que tem o belo cognome de “dos anjos” e deu o seu título ao filme. Nice é uma cidade do sol e do sul, que só foi incorporada à França tardiamente, que tem algo de italiano, uma cidade mediterrânea, de luxo e também da ilusão cinematográfica, pois lá se situam os Studios de la Victorine, onde foram fabricados várias centenas de filmes franceses. Esta cidade em tudo se opõe às cidades do litoral atlântico francês filmadas por Demy e esta oposição é manifesta no filme. Se em Nantes, Cherbourg e Rochefort, os personagens chegam a um mundo ideal e transformam a realidade em sonho (uma palavra que nunca falta nos estudos sobre Demy), na bela e ensolarada Nice os personagens só conhecerão o inferno e este inferno é o jogo.

Talvez porque a beleza de Nice seja factícia, de pacotilha e a cidade seja vista por Demy como uma simples superfície de imagens, uma espécie de vasto cenário, o filme comece de forma tão inesquecível e sedutora: uma íris que se abre sobre o rosto de Jeanne Moreau e que se transforma num inebriante *travelling* pela Promenade des Anglais, defronte à Baía dos Anjos, um *travelling* que mais parece uma bola de vidro a correr por uma roleta. Nesta cidade do artifício, onde os dois protagonistas do filme viverão uma mentira, Jeanne Moreau é ao mesmo tempo reconhecível e estranha. A atriz, cujo rosto está no centro do filme, estava no auge da sua carreira e o espectador reconhece-a de imediato. Mas o seu cabelo tem um tom louro descolorido, platinado, ela é a mesma e ao mesmo tempo é outra, o que também aconteceu a outras estrelas de cinema: Orson Welles já tinha transformado o aspecto físico de Rita Hayworth e Godard não tardaria a fazer o mesmo com Brigitte Bardot. Para acentuar ainda mais este aspecto algo irreal do personagem de Moreau, em **La Baie des Anges** ela tem nome “*de personagem de romance americano*”, como lhe diz Jean. Outros pormenores chamam a atenção do espectador: o pai de Jean, tão meticoloso e organizado, é um relojoeiro e a exatidão de um mecanismo de relojoaria é o que pode haver de mais diferente dos acasos angustiantes de uma roleta. Finalmente, o amigo de Jean que o leva para o jogo se chama Caron, ou seja Caronte, o remador da barca do inferno na mitologia grega, aquele que transporta as almas para o reino dos mortos. De facto, o casino é o inferno: “*Foi o que quis mostrar no plano em que Jean, ao entrar no casino, passa ao longo de uns espelhos e dilui-se, o que dá a impressão que ele vai derramar-se na sala. Temos o mesmo plano, no fim, quando Jackie sai do casino*”, explica Demy. Num inteligente livro sobre Demy, Camille Taboulay comenta este plano final, no qual “*a câmara recua para o antro, como se fosse um Cérbero*”. Este movimento de câmara faz com que o par seja enquadrado de longe, de dentro do casino, separados do espectador por uma porta de vidro, o que sublinha a que ponto este *happy end* é frágil e provisório. **La Baie des Anges** é um filme sobre as aparências e os conteúdos, que mostra um mundo em que tudo é sedução, mas onde tudo desemboca em destruição. Talvez por isso, por ter “*mergulhado no inferno, na realidade do inferno, com um olhar adulto sobre estas obscuridades, estas forças*”, **La Baie des Anges** tenha sido um fracasso comercial. Isto foi em 1963. Hoje, o filme avulta como um dos pontos mais altos, um dos objetos mais belos e perfeitos do cinema de Jacques Demy, cuja beleza se revelou mais durável do que o de alguns dos seus filmes mais célebres. Para os espectadores que frequentam longamente o seu cinema, talvez o melhor Demy esteja nos seus filmes não musicais.

Antonio Rodrigues